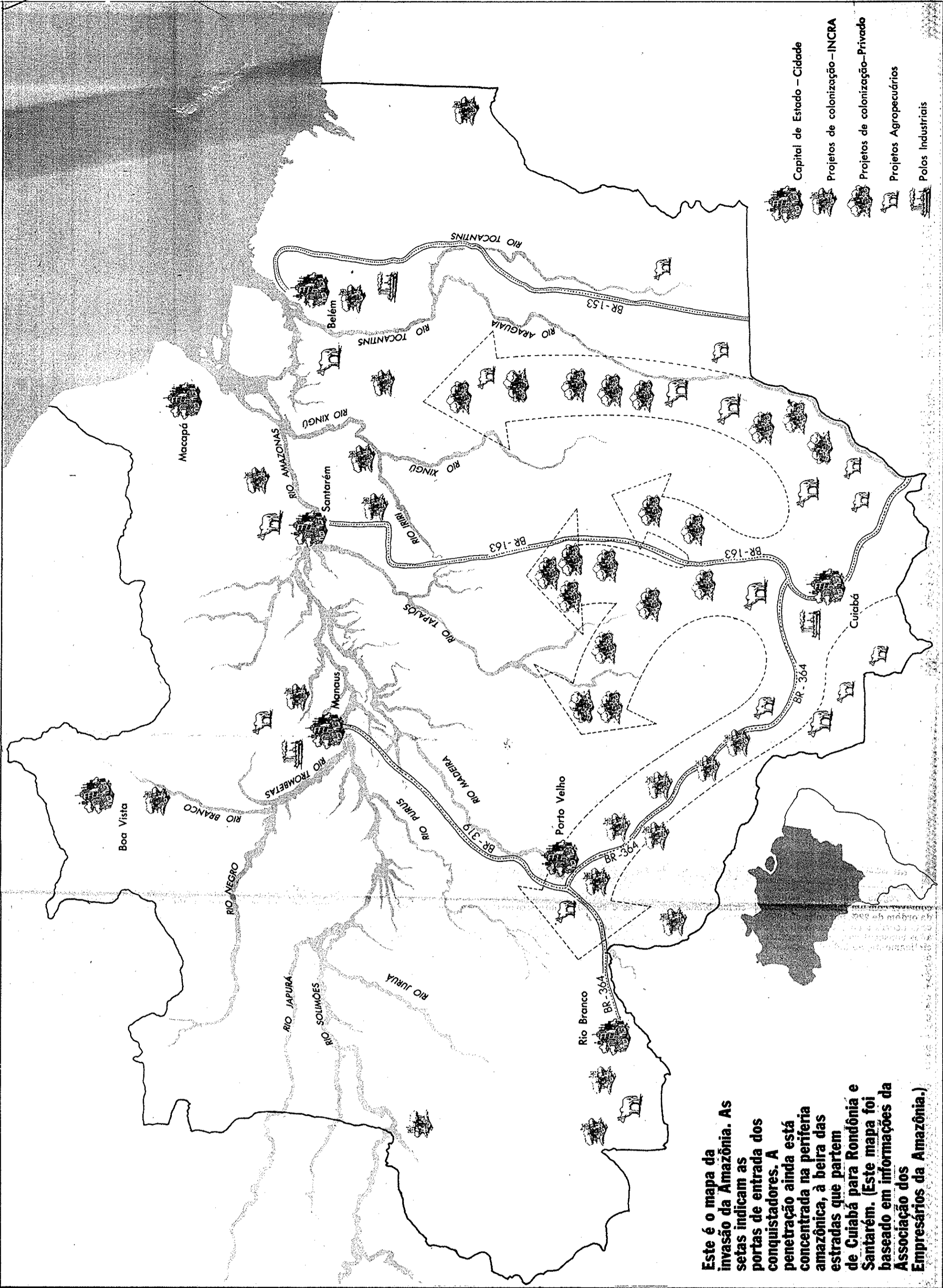


190

# INVASÃO NA AMAZONIA



Este é o mapa da invasão da Amazônia. As setas indicam as portas de entrada dos conquistadores. A penetração ainda está concentrada na periferia amazônica, à beira das estradas que partem de Cuiabá para Rondônia e Santarém. (Este mapa foi baseado em informações da Associação dos Empresários da Amazônia.)

## Uma denúncia: a floresta vai estar toda derrubada até o ano 2000.



Para um ecologista, o gaúcho José Lutzenberger, esta década é decisiva para a Amazônia: "ou se salva a floresta, ou ela estará condenada para sempre".

Para o presidente da Associação dos Empresários da Amazônia, Jeremias Lunardelli, o que falta, para uma ocupação racional do "imenso vazio amazônico", é a definição de uma política fundiária pelo próximo governo.

Já o presidente do Inbra, Paulo Yokota, afirma que "vivemos, até hoje, apagando incêndios". E funcionários do Ministério do Interior admitem: o governo não tem uma política migratória e não considera o assunto prioritário.

Os empresários João Carlos de Souza Melrelles, Ariosto da Riva e Ênio Pipino, que desenvolvem projetos bem-sucedidos de colonização em Mato Grosso, defendem a ocupação, racional, da Amazônia.

— Eu acho que as grandes calhas, os grandes rios, precisam ser conservados. São terras baixas... Podem virar desertos. A terra alta, a nobre, usada para a agricultura perene, esta, sim, estaria destinada à ocupação. Nós estamos apenas arranhando as bordas da Amazônia, na periferia. Ela mesma está intacta — assegura o pioneiro amazônico Ariosto da Riva.

Mas o ecologista Lutzenberger fala em "crime". E denunciou, no Congresso norte-americano, no último dia 19 de setembro, que o Brasil estaria usando financiamentos do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento, Bird, para destruir a floresta amazônica, dizimando índios e desrespeitando compromissos contratuais. A denúncia poderá provocar a suspensão do

último terço do financiamento para programas de colonização em Rondônia, que é de 432 milhões de dólares.

— Você pega uma propaganda do Inbra, e lá está: a foto de grandes áreas de florestas destruídas, com uma legenda — "estamos fazendo a maior reforma agrária do mundo". Reforma agrária coisa nenhuma. O que o governo está fazendo é evitar uma verdadeira reforma agrária tirando os que precisam da terra de perto dos latifúndios ou dos minifúndios improdutivos e mandando para a Amazônia, para praticar uma agricultura de monocultura que absolutamente não subsiste na região — protesta o ecologista Lutzenberger, que ainda fornece alguns números da "destruição amazônica":

— Cientistas idôneos, como Harald Dilli, que conhecem a Amazônia muito bem, afirmam que o desmatamento atinge cem mil quilômetros quadrados por ano. E Philip Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisa Amazônica, mostra que os Estados do Pará, Maranhão, Goiás, Rondônia e Mato Grosso estariam desmatados completamente em 1990. O Acre, antes do ano 2000. E Roraima e Amazonas, pouco depois. Apenas Amapá sobreviveria até o século XXII. Se fizermos uma média dessas tendências, a totalidade da floresta desaparecerá antes de 2000.

Exagero? O governo reconhece que não conseguiu definir uma política de ocupação para a região amazônica, que chegou a ser esboçada em um anteprojeto de lei. A idéia era criar um programa de zoneamento econômico ecológico da Amazônia. E mesmo com o incentivo do ministro do Interior,

Mário Andreazza, a proposta acabou sendo engavetada pelo Conselho de Segurança Nacional.

O presidente do Inbra, Paulo Yokota, que participou das discussões do projeto, diz que "havia uma grande maioria de acadêmicos na comissão, ecologistas", e o grau de desconhecimento da Amazônia impede julgamentos de ocupação: "Até há muito tempo o IBC desestimulava o plantio de café na Amazônia, sendo que o mesmo aconteceu com a Ceplac, em relação ao cacau, culturas hoje reconhecidas bem-sucedidas".

Vários empresários concordam com o ecologista Lutzenberger num ponto: condenam a derrubada da mata como benfeitória para a concessão de títulos de posse de terra.

— Desmata-se às pressas, e nem se aproveita a madeira — conta Hélio Adauri Olsen, dono de uma fazenda de três mil hectares no sul do Pará, atualmente invadida por posseiros.

— Assim, a terra vira juquirá, como chamamos lá. Improdutiva. Isto está ocorrendo demais...

### Na última fronteira

**Amanhã:**  
Uma nova cidade.  
E para 300 mil pessoas.